

CLAUDINEI LOURENÇO¹

AGB: Nossa primeira pergunta está ligada a uma questão que sempre nos colocamos, que o trabalho de campo é de suma importância para a ciência geográfica. Então, a gente queria que você começasse falando sobre isso.

Claudinei: A frase que vocês colocam é importante, mas contém uma dupla parcialidade. A primeira é a questão do que é trabalho de campo. E a segunda, do que é a ciência geográfica. Vamos partir do princípio que é possível pensar não só em trabalho de campo, mas em atividades de campo. Um termo mais amplo que nos permite pensar diversas possibilidades de produção de conhecimento, que nos levariam à segunda parcialidade, que seria a ciência geográfica, pois o conhecimento geográfico é mais amplo que uma ciência, no sentido restrito do termo ciência. Portanto, podemos pensar na superação dessa dupla parcialidade e iríamos pensar em todas as áreas, incursões do pensamento humano em contato com o mundo.

Só para dar alguns exemplos, um filósofo alemão do século XIX, Karl Schelle, tem um livrinho delicioso que se chama “A arte de passear”. Lá ele comenta e descreve o que é o passeio, porque passear, como passear, que isso é um ato entre o corpo e o espírito, um momento. Então isso não é um trabalho de campo, nem deve ser enfadonho, nem cansativo. Tem toda uma postura para se passear e extrair daí algum conhecimento. Poderia lembrar também o Rousseau, “Os devaneios do caminhante solitário”, seu último escrito no qual através de caminhadas ele vai justamente mostrando como elas são importantes até para a produção de suas reflexões,

¹ Entrevista realizada em 24 de junho de 2011 por Anaclara Volpi Antonini, Maíra Bueno Pinheiro, Marcela Pereira Dias e Pedro Luiz Damião.

que ele chama de devaneios. E poderíamos continuar dando exemplos, como os diários de viagem, que são importantes relatos de experiências de conhecimento que passam por um momento da vida de um indivíduo. Posso citar dois antagônicos. “O diário de Moscou” do Walter Benjamin é um diário um tanto melancólico, ele está em crise com a mulher amada, Asja, lá em Moscou, e tem uma tensão, você vai lendo aquele diário e o que você vai vendo de Moscou pela lente dos olhos de Benjamin é o sentimento de uma atmosfera um tanto pesada. E o outro, o “Diário de Florença”, de Rainer Maria Rilke, no qual ele está apaixonado pela Lou Salomé, ele vai falando de Florença, perguntando, mandando para ela como se fosse uma descrição, é também muito interessante.

Então, falar em trabalho de campo limitaria muito, são múltiplas as experiências de contato com o mundo, no sentido do que a gente poderia chamar de “ir ao mundo”. Por exemplo, o [Henry David] Thoreau, naquele textinho também delicioso “Andar a pé”, vai dizendo por que o homem tem que andar a pé. Não é porque que o geógrafo tem que fazer campo, andar a pé é uma atividade que deve ser estimulada no ser humano. Nós que viemos ao mundo com o transporte a motor, ainda mais em uma cidade como São Paulo, nas metrópoles, andar é uma tarefa que se faz no final de semana, no parque e não no ato humano realmente de pensar. E isso nos levaria então à segunda parcialidade, a questão da ciência geográfica, partindo do princípio de que isso é uma parcialidade. Nos levaria a propor, então, diversas incursões a partir do conhecimento geográfico, que não significa que o geógrafo esteja fazendo a ciência. Por exemplo, a gente sabe que quando vários geógrafos vão a um campo biogeografia, eles consultam um mateiro que vai orientar, conhece a área, portanto parte-se de um conhecimento mais amplo desse mundo que permite fazer um recorte a partir da geografia. Então, eu penso que essa frase é importante, mas desde que ampliada para além dela mesma.

Como começou sua aproximação com a AGB?

Acho que como vocês também e a maioria dos geógrafos, minha relação com AGB começa quando eu começo a fazer o curso de graduação em Geografia. A AGB não é, vamos dizer assim, uma entidade de massas, conhecida fora do campo de quem faz Geografia, como é a OAB, que tem uma inserção muito ampla na mídia, não é? Então, vou conhecer a AGB em meados da década de 80, quando começo a graduação na Unesp de Presidente Prudente.

E aí, tem um contexto bem interessante, específico. Presidente Prudente, apesar de ser na época uma cidade média, pequena né, cerca de 100 mil habitantes, era um centro importante da Geografia brasileira. Por exemplo, o primeiro ENG em 1972 ocorre em Presidente Prudente, superando a forma das assembleias gerais e ordinárias, que eram as formas dos encontros antes de 1972. E o primeiro encontro acontecer em Presidente Prudente já demonstra que é um centro importante e isso tem a ver com o que eu vou responder. Depois de 1972 em Presidente Prudente, teve, em 1974, o 3º Congresso dos Geógrafos em Belém; em 1976, o 2º ENG em Belo Horizonte; e depois, em 1978, o famoso ENG de Fortaleza. Quando eu entro na Geografia na década de 80, ainda em Presidente Prudente, há um antagonismo, uma divisão entre os antigos agbeanos, tristes com a nova AGB, e há novos professores militando nessa nova AGB.

Então você entra, começa a participar em uma situação dividida entre aqueles que estão apostando nessa nova AGB, no movimento crítico dos estudantes, e os mais antigos, rancorosos, vamos dizer assim, com essa nova posição. Então, ser da AGB no começo da década de 80, no contexto de Presidente Prudente, significava você já comprar uma posição não muito favorável a um certo grupo de professores, implicava uma certa ação política. É claro que a década de 80, no início, pedia uma participação mais ativa dos estudantes. Queira ou não, esse meu primeiro contato com a AGB se faz, então, de uma posição de afirmação de uma certa posição política.

Como era, nesse momento, a relação da AGB com o trabalho de campo?

Bom, nós teríamos que pensar até em termos um tanto amplos, aquilo que em algum momento foi chamado de uma certa aversão da Geografia Crítica com o empírico, ao mundo dado. Até porque, pejorativamente, se falava que a Geografia Tradicional era a “Geografia do quilômetro rodado”: você era um ótimo geógrafo quanto mais você tivesse rodado por aí, andado. Diziam que era descritiva, empírica, então não era um conhecimento teórico e importante. E isso a Geografia Crítica vai rebater, até porque era uma prática antiga das comissões de campo etc.

Então, num primeiro momento teve um esforço da própria AGB em se interiorizar do ponto de vista teórico e, querendo ou não, o campo fica em algum momento como um anexo dos encontros. Ele passa a ser, assim, algo que fica lá no final do encontro. Depois que terminou a assembleia geral, finaliza o encontro, aí vai para o campo quase como um agrado, algo que se pode fazer ou não. O campo perde uma centralidade nos encontros, ele passa a ser justamente esse anexo e isso, de certa forma, vai sendo prejudicial à formação dos novos geógrafos porque a AGB é um campo de formação e esse era um momento importante dos encontros. Então, neste momento, na década de 1980, o que a gente vê nos encontros é o trabalho de campo sendo esvaziado.

E atualmente? Como você vê que estão os trabalhos de campo nos Encontros promovidos pela AGB?

É algo a ser construído ainda, uma nova forma do campo. Eu acho que o trabalho que vocês [Comissão de Trabalho de Campo do XV ENG] fizeram aqui em 2008 já demonstra esse interesse e essa necessidade de articular melhor, de dar uma importância maior às atividades de campo, integrá-la dentro das atividades do ENG. Como fazer isso? Com um conjunto imenso de atividades e demandas que um ENG comporta, muitas vezes o campo acaba, mesmo com todo o esforço, ficando como o anexo, o “puxadinho” do encontro,

sem aquela necessidade orgânica de permear o encontro com uma proposta, de ter o pré-campo, pós-campo, ser orgânico inclusive aos eixos do encontro. É preciso colocar o campo dentro da estrutura do ENG, isso precisa ser previsto antes para evitar que ele continue sendo o “patinho feio” das atividades.

Você pensa que o fato de ele estar como esse anexo nos encontros tem uma ligação de como ele está sendo efetuado nas universidades e na graduação como um todo? Você pensa que o trabalho de campo está sendo deixado de lado na formação dos estudantes de maneira geral ou é uma coisa que está acontecendo mais na AGB?

Fazer essa generalização agora nos levaria a uma reflexão do papel da própria AGB porque, embora a gente saiba que há uma colagem um tanto forte entre a AGB, a academia e o discurso de Geografia, a AGB tem uma autonomia para pensar além da forma instituída academicamente. A gente pode pensar isso retomando como era o campo no momento quando eu entro na graduação e porque a gente resolveu fazer um movimento forte de contestação. O que acontecia lá na década de 1980 na Unesp era que cada professor tinha seu campo, cada disciplina fazia seu próprio campo. O professor te pegava, te colocava no ônibus e te levava para algum lugar, às vezes o estudante nem sabia para onde estava indo. Lá chegava, mostrava, apresentava e você aceitava aquilo como uma aula externa.

Isso nos incomodou muito no início da graduação, essa falta de nós participarmos da concepção do campo, e iniciamos um movimento de superar essa forma do campo individual de cada disciplina. Nós fizemos reuniões do Diretório Acadêmico, discussões e tiramos como proposta os grandes campos (lá as disciplinas eram anuais e não semestrais), e cada ano do curso deveria fazer uma grande excursão de campo para uma das regiões do Brasil: um grande campo para a região Sul, um grande campo para a região Norte, Centro-Oeste, um grande campo para a região Sudeste e

um grande campo para a região Nordeste. E o projeto de campo seria debatido, seriam apresentadas posições, não era um professor que iria decidir. A turma daquele ano quer ir, por exemplo, para o Centro-Oeste, então ela tem que propor questões, um projeto para chegar até lá, onde quer ir, já que não dá para ir para todo o Centro-Oeste. “Ah, eu quero ir para o Pantanal.” “Mas por que para o Pantanal?” “Ah não, nós queremos ir para a Chapada dos Guimarães.” “Mas por quê? Por que é bonito? Por que quer ver o Véu da Noiva [cachoeira]?” Obviamente não, tinham questões e isso levaria, então, a uma construção. O campo como uma construção. E nós conseguimos.

Depois de uma certa resistência, alegação de falta de verba etc., com um evento mais duro, inclusive, de ocupação da sala da diretoria, um movimento de combate mesmo, nós conseguimos isso que, penso eu, até hoje perdura no curso da graduação da Unesp, essas grandes excursões por projetos. Claro que com alguns cortes orçamentários específicos nas universidades, isso tende a ser contingenciado, mas nesse momento foi uma grande conquista do ponto de vista da concepção daquilo que eu entendo como sendo a atividade de campo. O primeiro que nós fizemos, já ligando com o ENG e com a AGB, foi para o Nordeste. Em 1988, o ENG era em Maceió e nós fomos de Presidente Prudente, passamos por Minas Gerais, Bahia, até participarmos do ENG. Depois, voltamos e continuamos o campo. No total, o campo durou, se não me falha a memória, 23 dias. Dá tempo de você fazer muita coisa em 23 dias com 40 pessoas dentro de um ônibus, é uma relação muito interessante. E isso me deu uma experiência no sentido de aproveitar esse momento de formação, de ir ao ENG não só como um deslocamento de avião ou dormindo num ônibus, mas de aproveitar esse processo e de construir atividades de campo que nos permitam chegar lá. E aproveitar justamente o que interessa: o percurso.

Você pode explicar como é o curso que você dá antes do ENG lá na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)?

Eu posso contar um pouco da experiência. Todas elas são únicas porque depende muito do grupo que se articula, não sou eu que proponho e realizo, mas é um coletivo que se forma. Talvez eu conte de trás para frente, do último ENG em Porto Alegre. Como já é uma prática antiga que eu vim fazendo assim, todo ENG. No caso de Porto Alegre, começamos a pensar quase um ano antes a possibilidade de fazermos essa atividade de campo até o ENG e para isso precisávamos discutir. Para dar um caráter um pouco mais formal e facilitar o encontro de todos montamos uma disciplina. Os grupos se articulam dentro dela e fica mais fácil você ter aquele dia e horário reservados, e além do mais, conta crédito, a gente sabe que o pessoal precisa integralizar créditos a cada semestre. Então, dentro dessa disciplina a gente começa a elaborar perguntas.

Por exemplo, para Porto Alegre, qual era a questão? Discutimos várias e chegamos a um ponto central que é a questão da mobilidade do trabalho, porque nós íamos ter contato com áreas de migração europeia no Sul do Brasil, e também passaríamos pelo interior de São Paulo. Fomos centrando a questão em torno da mobilidade do trabalho e durante a disciplina, fomos discutindo teoricamente e, ao mesmo tempo, preparando a logística, os contatos, a infraestrutura, porque a universidade não banca nada, é uma projeto autônomo, vamos dizer assim. Não tem diária, não tem ônibus, não tem nada, enfim, faz muito tempo que a universidade não aceita esse tipo de construção.

Na UFMG, no curso de Geografia, os trabalhos de campos são bem reduzidos, acabam se limitando muito ao próprio entorno de Belo Horizonte, metrópole e quando muito a um raio de 200 ou 300 quilômetros. Então, a única oportunidade, se você quiser fazer um campo dessa magnitude - que no caso do ENG envolveu 16 dias - era infelizmente partir para o financiamento individual ou para a produção de um projeto que fosse buscar os recursos. No caso, o pessoal vende rifa, faz festa, consegue algum tipo de apoio fora da universidade para viabilizar. Então, a ideia desse projeto didático-pedagógico que a gente realiza é permitir que não façamos só um deslocamento, que

a gente tenha uma pergunta posta que possa ser respondida ou pelo menos melhor elaborada durante essa atividade.

Isso nos rende muito, essa discussão da mobilidade. Ao passarmos pelo interior de São Paulo, discutimos com os cortadores de cana lá em Guariba; depois, vindo aqui para São Paulo, no Ceasa [formalmente conhecido como Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - Ceagesp]; depois, em Curitiba, lá nos faxinais; depois, em Pomerode, em Santa Catarina; na serra gaúcha, os italianos. Isso nos permitiu ter uma dimensão bem ampla do que é mobilidade do trabalho e migração, o que na volta acaba dando resultados interessantes além da disciplina e do campo. Vários participantes dessa atividade voltaram com questões a serem construídas a partir da monografia, por exemplo, o trabalho de conclusão de curso.

A mesma coisa aconteceu quando fomos para o Acre, no ENG de 2006. Foi uma grande dificuldade chegar ao Acre saindo de Belo Horizonte. Até porque tinha uma questão importante, que tem que ser colocada: um ano antes, um grupo de estudantes da UFMG resolveu ir para o Fórum Social Mundial em Caracas, na Venezuela, e saiu com o ônibus. Só que o ônibus tombou e quatro alunos morreram. Mas, saíram e simplesmente foram, sem planejamento, sem saber se vai parar, qual estrada vai pegar, se viaja à noite, se não viaja, simplesmente confiando que vai dar tudo certo, e a gente sabe que isso às vezes não dá certo. Por isso que eu insisti em fazer esse trabalho de campo até Rio Branco, parando e aproveitando realmente a viagem, e não aquela corrida desenfreada. Isso acho que também é importante: construir o que é o campo.

Para o Acre fizemos também o mesmo processo de montagem da disciplina, discussão, mas com outro tema, claro, ali foi a frente de expansão capitalista. E foi interessante porque depois nós perdemos vários estudantes para o Acre, para a região Norte, que gostaram muito de ter conhecido, viram que existia. Até tem uma historinha num desenho animado que eles falam que o Acre não existe. Começaram a acreditar que existe realmente o Acre e

hoje estão trabalhando lá na região com o Ibama, outros fizeram mestrado, ou seja, o pessoal acaba indo nessa direção. Então, acho que é fundamental esse tipo de experiência na formação.

E o trabalho de campo na sua formação, na sua pesquisa?

É interessante, vamos dizer assim, que a maior parte das minhas pesquisas até hoje foi teórica. Então, qual o significado do campo? Por que eu faço campo se o meu campo de concentração é teórico? Justamente por isso, pela importância do campo no movimento teórico da própria Geografia. Ao fazer o campo eu estou desenvolvendo elementos da aquisição de conhecimento a partir do empírico. E como que isso penetra e desenvolve o conhecimento geográfico, desde uma recusa total à atividade de campo, a partir da aquisição de conhecimento que pode melhor ser desenvolvida do ponto de vista geográfico a partir do sensoriamento remoto, por exemplo, até o empirismo bem dado, bem assumido. Então nós temos que pensar esse movimento: qual o papel do empírico na construção do conhecimento geográfico, e como que ele pode ser mediado através de determinadas práticas e movimentos. É óbvio que não temos uma resposta pronta para isso. Até porque há várias possibilidades de construção de atividades de campo, de pesquisas de campo, desde imersões totais, na qual o indivíduo passa a ser o próprio objeto. Há casos e relatos interessantes na história do conhecimento de indivíduos que, para fazer a sua pesquisa, assumem o papel social do objeto, como o caso de uma pesquisadora do Nordeste que para pesquisar a prostituição no porto se transformou em prostituta durante um período, fazendo assim a pesquisa de campo. E outros também, por exemplo, se você quer pesquisar o trabalho na cana pode virar um cortador de cana durante um período, até os campos de questionários, em que você vai a campo e aplica um questionário, tem vários sistemas de aferição de dados.

Enfim, esse contato, essa importância da discussão do campo na minha reflexão, nas minhas pesquisas, é justamente por

isso, pela importância que atividade de campo tem na construção do conhecimento geográfico. E como isso vai sendo produzido, inclusive na minha própria formação? Como já iniciei dizendo, foi muito importante ter partido da concepção que o campo não é uma aula fora da sala, de que é um produto de uma reflexão, de uma proposição. Então, acho que ficaria muito difícil pensar na formação de um geógrafo sem essa reflexão, não sem ir a campo, mas sem a reflexão do que significa ir a campo, quais as possibilidades todas que você tem de ir a campo, desde você praticar uma deriva, ou uma flanância, ou um trabalho de campo, ou uma excursão, várias possibilidades, ou você simplesmente virar um turista, ter um consumo monetarizado do mundo, através de alguns pacotes, que seria, digamos assim, o mais restrito de todos.

Qual a importância da AGB na sua formação?

Vindo de uns momentos em que participar da própria entidade não é tão simples, em alguns determinados fóruns, em algumas determinadas universidades, em determinados momentos, eu penso que no sentido da formação, participar da AGB é exatamente você ter a Geografia não como profissão, superar a ideia de que a Geografia é um trabalho, de que você vai receber um salário e vai ser um professor de uma universidade, ou um professor do ensino fundamental e médio, ou um técnico de uma empresa etc. Porque a AGB é obviamente um trabalho absolutamente voluntário, não remunerado, que envolve uma dedicação do seu tempo de vida, e isso nos dá então uma dimensão do que é fazer Geografia, além desse campo restrito, profissional.

Pensando assim, isso nos permite praticar uma Geografia muito mais livre, do ponto de vista que você tenha condições de pensar e agir coletivamente em certas direções, e isso eu acho que é o grande ponto para formação do geógrafo. A gente pode pensar na formação no sentido restrito: vou fazer um curso de sensoriamento remoto, vou fazer um curso de processamento de dados, fazer um curso de geomorfologia, ou curso tal, então você estaria assim se

formando. Isso são conteúdos, são técnicas que você adquire, que você pode ou não precisar ao longo da sua vida profissional. Nesse sentido a AGB vai muito além, no sentido da formação, ela nos coloca momentos, críticos inclusive, da nossa reflexão, em torno do que acontece nos cursos de Geografia, do que acontece no próprio mundo, um debate, questões de como entender a conjuntura, como que o conhecimento geográfico atravessa e realiza essa conjuntura, e como nós geógrafos podemos intervir também nessa conjuntura. Portanto, uma reflexão que chega em algum momento a faltar em determinadas elaborações da própria Geografia.

Então a AGB se torna um fórum específico para essa ampliação do conhecimento geográfico, mas estamos falando aí de uma entidade com múltiplas inserções, o que nos permite pensar também como a Geografia do Brasil tem uma capilaridade social, espacial importante. Nesse momento que nós estamos aqui falando de Geografia, no Brasil, há muita gente falando de Geografia ao mesmo tempo, nas escolas, nas universidades, na mídia, e a AGB eu acho que é a entidade que representa melhor essa própria capilaridade, pela sua estrutura com base local que nos permite dialogar, exatamente com essa capilaridade do conhecimento geográfico, e é nesse sentido que a AGB também nos permite ampliar a nossa própria formação, saindo de certas parcialidades locais, de determinados cursos, de determinadas visões de mundo, que a AGB é um campo de disputa, legítima, em torno da definição dos percursos do conhecimento geográfico.

Enquanto alguns departamentos tendem a apresentar uma certa endogenia histórica, no sentido da sua reprodução, de uma mesma linha, a AGB não se permite a isso até porque tem uma dinâmica de transformação bem intensa, eleições a cada dois anos, não existe reeleição, existem projetos que continuam, mas o mesmo grupo não se mantém, isso permite acompanhar essa diversidade, esse embate. Nesse sentido, é muito mais rico do que você simplesmente ter a sua vida dentro de um único departamento ou dentro de um único curso.

Além das obras já citadas, que outras publicações são interessantes para as pessoas que querem se aprofundar nesta discussão?

Durante todo esse percurso que eu descrevi aqui, rapidamente, você vai acumulando leituras, vai pensando sobre isso, vai lendo... Eu falei muito pouco aqui, mas tem uma lista imensa de indicações, a partir disso, desde diários, que foi o que me interessou num certo momento, relatos de viagem, dos viajantes clássicos, dos naturalistas, tem um monte, um sem fim de relatos. Poderia citar vários. O próprio Humboldt constrói uma nova forma de fazer a viagem. O que era a viagem antes do Humboldt? Completamente outra. Tanto é que ela vai virar um paradigma da viagem naturalista. O Richard Burton, por exemplo, cita o Humboldt, quando ele observa nas corredeiras de Pirapora um fenômeno que o Humboldt tinha observado no Orenoco, que é uma espécie de um grafitamento das rochas, que ocorre nessas corredeiras. O Darwin depois vai citar o Humboldt. Você lê o “Diário do Beagle”, por exemplo, que tem um relato de Darwin dentro de um navio, diferente da “Evolução das Espécies”, ele mostra um processo mesmo de aquisição de informação, do pensamento do indivíduo.

Por isso eu gosto muito dos diários, em primeira pessoa, porque eles acabam revelando o processo inicial da construção do conhecimento, das ideias, é muito interessante. Daí você vai para esses outros diários que eu citei, são muitos, se for colocar todos vai ficar uma lista imensa. Pega o próprio Goethe, “Viagem à Itália”, famoso, um relato bem interessante também. Como diria, para voltar até ao título da disciplina [referência à disciplina que o professor ministra na UFMG antes dos ENGs], como diria o Nietzsche: “Ambulo, ergu sum”, “Ando logo existo”. Nietzsche era um “ambulador” convicto, não parava, não tinha casa, ele falava “triste do homem que tem uma casa”. Eu também sei andar por aí, então eu terminaria com um “Ambulo, ergu sum”. Agradeço a possibilidade desse diálogo tão legal.